



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11709 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

### CINECONVERSAS EM EDUCAÇÃO: TÁTICAS NAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS

Marcia Costa Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rosa Helena de Mendonça - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lucia Teresa Romanholli - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### CINECONVERSAS EM EDUCAÇÃO: TÁTICAS NAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS

Neste texto pretendemos apresentar considerações acerca de uma pesquisa (CAPES) em andamento com cinema e educação, elaborada a partir do processo de adaptação metodológica do grupo do qual fazemos parte às contingências advindas do afastamento social decorrente da pandemia da covid-19. Pretendemos, ainda, a partir dessa experiência, projetar possíveis modos de pensar e fazer pesquisas na área, na pós-pandemia.

Estávamos em março de 2021, iniciando o segundo ano de isolamento físico, contextualizado pelo pandemônio político que se instalou no país, com ataques à Ciência, entre outras exorbitâncias. Vivíamos nossas práticas de pesquisa de doutoramento e de pós-doutoramento “à distância”, com aulas e encontros mediados por uma tela, sem as conversas paralelas, os bate-papos nos corredores, os abraços, os cafezinhos, os cheiros e sabores dos ‘*espaçostempos*’ presenciais. Tínhamos como pano de fundo as experiências conhecidas e ouvidas sobre as aulas on-line, adotadas emergencialmente por diferentes instituições e graus de ensino, algumas nem sempre bem-sucedidas, considerando as dificuldades técnicas de adaptação e, principalmente, as dificuldades de acesso decorrentes da sociedade desigual e excludente em que vivemos, provocando desistências, desinteresse e altos índices de ausências e de evasão.

O que nos instigou à realização deste texto foi a necessidade de democratizar nossas experiências, buscando contornar muitas das dificuldades vividas. Pretendemos discorrer sobre os processos de tessitura das reuniões semanais que se transformaram, para nós, em um potente espaço de resistência e de criação. As conversas, discussões e reflexões costuraram ‘*aprendizagenssignificações*’, publicações de textos, sites, *lives* e *podcasts*, nos aproximando de muitos e diferentes outros e ampliando significativas trocas e novas parcerias.

Identificamos que um dos fios importantes na tessitura dessa história foram as cineconversas (ALVES, CHAGAS, MENDONÇA, 2019) como metodologia de pesquisa. Já vínhamos intensificando o uso de filmes, que entendemos como personagens conceituais, tomando emprestado o conceito de intercessores (DELEUZE, GUATTARI, 1997). Para os filósofos, a criação depende de outros com os quais desenvolvemos nossas ideias, sejam esses outros pessoas, artefatos culturais, entre múltiplas possibilidades. As leituras semanais dos textos indicados eram, e continuam sendo, alimentadas com conversas com os filmes selecionados para cada encontro, o que aumenta a potência dos possíveis, ampliando e provocando novos temas, afetos, vivências, indagações, enfim, novas experiências de ‘*ensinosaprendizagens*’.

Se assumimos as conversas como encontros entre outros que geram processos discursivos e produções de sentidos coletivos (FERRAÇO, ALVES, 2018), entendemos que o ‘*espaçotempo*’ de uso de filmes como nas cineconversas são as redes que constituímos e que nos constituem antes, durante e depois de assistirmos em conjunto, de forma síncrona ou assíncrona. Isso abrange a curadoria (ou as escolhas), a projeção e trocas que acontecem e que não são análises sobre os filmes, mas conversas com eles e entre nós, os espectadores. Cabe aqui uma reflexão: usamos os termos assistir e espectador por serem expressões recorrentes quando se fala de cinema. No entanto, acreditamos que a ideia de ver, ouvir, sentir, pensar os filmes apresenta maior pertinência com as nossas concepções de conversas nos cotidianos (CERTEAU, 2012), pois entendemos que não há passividade nessas ações (BARBERO, 1997), elas são indissociáveis e se fazem numa junção de afetos e afecções.

Antes da pandemia costumávamos assisti-los na própria universidade, juntos. As conversas se davam em sequência, embora, algumas vezes, também acontecessem on-line, por meio do *Messenger* ou do *Whatsapp*. Na época, ambientes como o *Zoom* ainda não eram acessados por nós, mas já tínhamos a percepção da importância de contarmos com espaços virtuais para os encontros. Outro fio importante que utilizamos na tessitura deste trabalho foi entender as novas formas de materialidades decorrentes das tecnologias digitais de informação e comunicação (SANTOS, 2009).

O uso do cinema - reafirmando o sentido que Michel de Certeau (2012) empresta ao termo, diferenciando-o de simples consumo - como metodologia de pesquisa, aliado às conversas e a outras possibilidades de estudo, como a leitura de textos teóricos e/ou literários, a visita a exposições, a ida a espetáculos de teatro, música, a visita a locais de memória, entre outras possibilidades já faziam parte da complexa rede de artefatos culturais que entendemos também como artefatos pedagógicos, já que na perspectiva das pesquisas com os cotidianos

tudo que está na vida está nos currículos. Os usos são sempre criativos e podem ser surpreendentes ou mesmo inusitados. E por que usar o cinema na educação? Para essa pergunta, algumas respostas são possíveis. Para tentar respondê-la vamos aqui partir de uma outra pergunta, primordial ao nosso modo de realizar pesquisas com os cotidianos: como questões sociais se transformam em questões curriculares?

Cinema e realidade não são duas categorias distintas. O cinema como uma possibilidade nos provoca pensar em várias questões, que não reproduzem em si a realidade, mas que criam realidades. É com essa potência do falso que a arte consegue criar, no dizer de DELEUZE (1996) e que nos instiga a utilizar esse artefato cultural para fortalecer nossas redes, para pensar os currículos voltados para a uma sociedade mais justa e igualitária. E esse continua sendo um desafio em tempos que tentam nos arrastar para o obscurantismo.

Buscamos também costurar esse trabalho àqueles que fortalecem nossa alma ao reconhecerem, cada um no seu tempo e no seu jeito, que precisamos buscar novos modos de pesquisar, *'ensinaraprender'* e viver. Com DELEUZE (1996) e GUÉRON (2011), encontramos intercessões da vida com o cinema e seus clichês, e o quanto esses encontros e desencontros possibilitam linhas de fuga necessárias às pesquisas e ao encantamento.

Propomos, assim, neste texto conversar acerca de alguns dos processos tecidos os cotidianos vividos com o grupo de pesquisa e o trabalho realizado com os grupos de formação de professores, um dos projetos desenvolvidos no período pandêmico. Elegemos as cineconversas como personagens conceituais, buscando costurar os usos de seus *'praticantespensantes'*, os casos contados e as narrativas decorrentes do diálogo com os autores dos textos lidos. Além disso, em que medida podemos considerar as cineconversas como estratégia metodológica e também como tática de pesquisadores, possibilitando aproximações e distanciamentos necessários, embaralhamentos de ideias e conceitos, sacudindo modos de *'verviversentir'* e provocando outros movimentos éticos, estéticos, políticos e poéticos.

Palavras-chave: cotidianos, redes educativas, cineconversas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda, CHAGAS, Cláudia e MENDONÇA, Rosa Helena. *Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos – migrações e cotidianos escolares*. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de, PEIXOTO, Leonardo Ferreira e SUSSEKIND, Maria Luiza (ORGs) *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CVR, 2019. (p.199-211)

BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* São Paulo: Editora 34,1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34,1996.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. *Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades*. In RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa. Por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro:NAU Editora, 2011.
- SANTOS, Edmea. *Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 (p.5658-5671).